

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

UMA LEITURA DO CAPÍTULO DEDICADA À SANTA BÁRBARA NO LEGENDÁRIO ABREVIADO DE JOÃO GIL DE ZAMORA

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

andreaifraza@ufrj.br

Tenho estudado, desde 2019, um legendário abreviado elaborado em fins do século XIII. Tais reflexões estão vinculadas a dois projetos de pesquisa, *Franciscanismo e Hagiografia no século XIII: o Legendário Abreviado de João Gil de Zamora*, financiado pelo CNPq por meio de uma bolsa PQ, e *Os legendários abreviados mendicantes, a temática do martírio e a construção medieval da memória de santos venerados no Rio de Janeiro*, financiado pela Faperj por meio do programa Cientista do Nosso Estado. Nesse texto, apresento as conclusões da análise do capítulo dedicado a Santa Bárbara, com foco na relação entre martírio, sexualidade e gênero.

As hagiografias que foram compostas e circularam no medievo apresentando aspectos da vida e martírio de Santa Bárbara contém divergências quanto à data e local de sua morte. Além disso, tais relatos possuem similitudes com outras narrativas sobre virgens mártires. Baseados nesses dados, alguns especialistas afirmam que Bárbara é uma criação lendária,¹ pois não existem evidências de que ela foi uma personagem histórica, mas, sim, uma criação literária.

A despeito das divergências, há alguns elementos comuns nas lendas sobre a santa: Bárbara era uma jovem muito bonita, que foi colocada em uma torre por seu pai para não ser vista pelos homens. Ela se converteu ao cristianismo e decidiu se manter virgem. Quando o pai resolveu casá-la, e ela se recusou devido ao seu casamento místico com Cristo, ele a denunciou às autoridades romanas como cristã. Após ser torturada, como não apostatou de sua fé, a jovem foi condenada à morte e executada por seu próprio pai.

¹ Diversos autores se dedicaram a estudar a construção da memória hagiográfica de Santa Bárbara e a organização e expansão de seu culto, tais como Gaiffier (1959), Williams (1975), Wolf (1997 e 1998), Taviel de Andrade (2005), Lamberto de Echeverría (2006), Van Dijk (2006), Parlanti (2008), Silva (2011).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Segundo os especialistas, o culto à Santa Bárbara surgiu no Oriente no século IV. O primeiro relato sobre o martírio foi provavelmente composto no século VII, no Egito. Há referências documentais que permitem concluir que o culto a Bárbara se estabeleceu na Europa Ocidental no século VIII, expandindo-se para diferentes regiões, ganhando maior difusão a partir do século XIV. Na Península Ibérica, segundo Lamberto de Echeverría, o culto chegou entre o final do século XII e início do XIII, por meio das rotas de peregrinação a Santiago de Compostela (2006, p. 120).

Relacionados à expansão do culto, foram produzidos e transmitidos textos sobre Santa Bárbara. Notícias sobre seu martírio foram incluídas nos martirológios confeccionados no Ocidente e foram compostas diversas versões da *Passio*, encômios, relatos sobre descoberta e transladação de relíquias, narrativas de milagres e até uma genealogia da santa. Nesse conjunto, encontra-se o capítulo do legendário abreviado em estudo.

João Gil, Juan Gil, em espanhol; Iohannes Egidii ou Egidius, em latim, segundo estudos das últimas décadas, nasceu por volta 1251, em Zamora. Ingressou na Ordem dos Frades Menores entre 1269-1271 e foi enviado para o *studium* franciscano de Paris, onde permaneceu, provavelmente, de 1273 até 1278. Foi *lector* do convento de Zamora, custódio, e, como informa uma fonte tardia,² vicário e, posteriormente, ministro da Província Franciscana de Santiago. Alguns autores defendem que ele atuou na corte dos monarcas Afonso X e seu filho e sucessor, Sancho IV, contudo, essa questão divide os especialistas. Escreveu diversas obras sobre temas variados, como música, história, medicina e retórica. Estima-se que ele faleceu em 1318.³

As Legende Sanctorum et Festivitatum aliarum de quibus Ecclesia sollempnizat (LS) foram transmitidas por um único manuscrito, o Add. 41070, da British Library, que atualmente está incompleto. Essa obra foi publicada pela primeira vez em 2014, em edição latim-espanhol preparada por José Carlos Martin Iglesias e Eduardo Otero Pereira. O legendário,⁴ em sua forma atual, possui prólogo e 88 capítulos organizados em ordem

² Trata-se da obra de Jacobo de Castro, autor de *El árbol cronológico de la provincia de Santiago*, de 1727. A obra de Castro está disponível online por meio do link <<https://play.google.com/store/books/details?id=YvpXbLxMrIcC&rdid=bookYvpXbLxMrIcC&rdot=1>>

³ Para maiores reflexões sobre a trajetória de João Gil, ver Silva e Rocha (2021).

⁴ Um legendário é a reunião de vários relatos sobre paixões de mártires, vidas de santos e celebrações litúrgicas. Segundo Dolbeau (2010, p. 346), eles começaram a ser produzidos por volta de 750, chegando a formar grandes coleções. Inicialmente, os responsáveis por tais obras reproduziam os textos em sua

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

alfabética. O livro foi composto, segundo os editores, provavelmente após 1289, em latim e em prosa, a partir da compilação de diversos materiais, provavelmente no Convento de Zamora. Como o prólogo indica, o legendário foi elaborado para ser consultado pelos irmãos para edificação pessoal e preparo de prédicas.

O capítulo *legenda beate Barbare virginis et martiris* está dividido em dez partes, que apresentam eventos da vida da Santa. Essa enumeração inicial das partes, possivelmente incluída por motivos didáticos, funciona como uma espécie de ementa e contém elementos que auxiliam na interpretação dos sentidos que o autor buscava imprimir ao seu texto:

Na hora de descrever o gloriosíssimo triunfo da virgem Bárbara, nos ocuparemos, em primeiro lugar, de sua origem e condição e da torre com o motivo da sua edificação; em segundo lugar, de sua devota oração para encher o banho, de como a sua oração foi escutada e como recebeu o batismo; em terceiro lugar, da solicitação feita aos que construíram a torre e a desculpa dada por Bárbara; em quarto lugar, do pedido de matrimônio de que foi objeto Bárbara, de sua negativa e de sua confissão do nome de Cristo; em quinto lugar, da indignação do seu pai, de suas ameaças, da decisão de fugir de Bárbara, de sua entrega por parte de um pastor e da captura de Bárbara; em sexto lugar, da oração de Bárbara e da maldição feita ao pastor, da transformação do pastor e seu rebanho em pedras e do encarceramento de Bárbara; em sétimo lugar, da acusação contra ela, de sua disputa com o governador e de sua cruel flagelação; em oitavo lugar, de como Bárbara foi suspensa e lhe deram golpes na cabeça, de sua nova prisão e da cura de suas feridas; em nono lugar, de como foi elevada ao ecúleo, de como lhe aplicaram tochas, amputaram seus seios e a despiram, mas, ao mesmo tempo, da compaixão celeste e a cura de todo o seu corpo, e em décimo lugar, da indignação do governador e de seu pai, da decapitação de Bárbara, da vingança divina contra seu pai e do enterro de Bárbara.⁵

integralidade, introduzindo poucas modificações. A partir de fins do século XII, contudo, os redatores passaram a resumir e/ou reelaborar suas fontes, produzindo os chamados legendários abreviados.

⁵ Texto foi traduzido pela autora a partir da edição bilingue dos editores. Segue o texto latino: “Barbare uirginis triumphum gloriosissimum describentes, primo agemus de ipsius origine et condicione et turri propter ipsam hedificacionem, secundario de ipsius deuota oracione pro balnei replecione et oracionis exaudicione et baptismi suscepcione, tercio de turrim edificancium deprehensione et Barbare excusacione, quarto de ipsius Barbare in coniugium peticione et ipsius excusacione et nominis Christi confessione, quinto de paterna indignacione et comminacione et ipsius Barbare fuge arrepcione et pastoris detentacione et Barbare apprehensione, sexto de Barbare oracione et pastoris malediccione, ipsius quoque pastoris sique gregis in lapides conuerssione et eiusdem incarceratione, septimo de ipsius Barbare acusacione et ipsius

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Para a análise do capítulo, considerando o enfoque selecionado, parti de alguns conceitos. Quanto à sexualidade, empreguei a noção de Ruth Karras, que pode ser sintetizada como “the universe of meanings that people place on sex acts, rather than the acts themselves” (2017, p. 7).⁶ Nesse sentido, partindo desta definição, pode-se afirmar que a sexualidade incorpora os símbolos, os valores, as ideias, os juízos, os relacionamentos, as identidades, os desejos, etc. que se vinculam não só ao ato sexual, mas também às intenções a ele relacionadas, o que inclui a castidade e até mesmo a virgindade.

No tocante ao gênero, partindo de diversos autores, defino como saberes, ou seja, complexas compreensões, que são estabelecidas historicamente, nas sociedades, em meio às relações de poder, sobre a diferença sexual. Tais saberes não se limitam a ideias objetivas, formadas antes da organização social, mas constituem as suas múltiplas dimensões, ainda que não necessariamente determinando-as.

Em relação ao martírio, compreendo como sofrimentos e morte relacionados à fé em Cristo. Por isso, optei por articular à análise do capítulo o conceito de violência, tal como definido pela OMS, por sua amplitude:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (2002, p. 5).⁷

Vinculado ao conceito de violência, é necessário pensar na ideia de legitimidade, pois nas diversas sociedades há sujeitos cujos atos violentos são considerados lícitos.

cum preside diceptacione et dura ipsius uerberacione, octauo de Barbare suspensione et capitis tunsione et iterata incarceratione et uulnerum eius curacione, nono de ipsius in eculeum leuacione et lampadarum adhibicione et mamillarum amputacione et ipsius denudacione, celesti uero compassione et tocius corporis curacione, decimo de presidis et patris indignacione et capitis Barbare truncacione, diuina uero super patrem ulcione et Barbare tumulacione”. (Cf. JUAN GIL DE ZAMORA, 2014, p.262).

⁶ Texto traduzido pela autora: “o universo de significados que as pessoas colocam nos atos sexuais, ao invés dos próprios atos”.

⁷ A escolha desse conceito também objetiva reafirmar que a pesquisa historiográfica sempre parte das questões do presente.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Desta forma, para fins da análise, verifiquei, dentre as ações de violência descritas, quais são, na perspectiva do narrador, justificáveis ou condenáveis.

Na análise do texto, para problematizar a narrativa, o primeiro passo foi empregar o conceito eleito a todo o relato, não somente às passagens que explicitam a tortura e a execução, para inventariar atos, autores, receptores e motivações de violência. Cheguei aos dados que apresento na tabela a seguir:

Ato de violência	Autor	Receptor	Motivação
Cárcere privado	Dióscoro	Bárbara	Filha única, bela, que ele desejava entregar em matrimônio
Tentativa de homicídio	Dióscoro	Bárbara	Porque Bárbara era cristã e se negou a casar
Delação	Pastor	Bárbara	Respondeu a um apelo de Dióscoro
Transformação em pedra	Bárbara	Pastor e rebanho	Porque delatara a Dióscoro o local onde Bárbara estava escondida
Cárcere privado sob vigia	Dióscoro	Bárbara	Para evitar que Bárbara fugisse novamente
Ameaças, cárcere e torturas físicas	Marciano (Governador) e seus subordinados	Bárbara	Para obrigar Bárbara a renegar a fé e sacrificar aos deuses
Desqualificação do culto romano e do governador	Bárbara	Marciano	Como resposta às torturas e forma de demonstrar a superioridade da fé cristã
Decapitação	Dióscoro	Bárbara	Cumprimento da sentença
Fulminar com fogo	Deus	Dióscoro	Punição pela execução de Bárbara

Imagino que a presença de Bárbara como autora de violência possa surpreender, pois, afinal, o relato descreve seu martírio. Contudo, resulta da escolha por um conceito de violência abrangente e de sua interpretação e aplicação a todo o capítulo, o que, em minha opinião, permite captar a complexidade do relato da *Passio*. A partir dos dados levantados, faço alguns destaques iniciais em articulação aos demais conceitos adotados.

O primeiro é a associação entre virgindade e fé cristã. Essa associação já é evidenciada no título do capítulo: *legenda beate Barbare virginis et martiris*, com a virgindade ganhando tanta ênfase quanto o martírio na caracterização da santa. Tal caracterização é uma “genderização”.⁸

⁸ Genderização é usado aqui com o sentido de que um dado fenômeno é afetado pelos saberes sobre a diferença sexual.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Há que salientar que a literatura hagiográfica também apresenta santos virgens, mas eles são raros. Como propõe Samantha J.E. Riches, “the term ‘virgin martyr’ invariably carries the tacit implication of femininity” (2002, p.66).⁹ Isto é, a virgindade não só é mais vinculada às mulheres mártires, como tende a ser um traço associado ao feminino. Talvez, por isso, esse aspecto não ganhe relevo na construção da santidade dos homens, pois, como a própria Riches salienta, em alguns casos a virgindade tende a “feminizá-los”.

Como já assinalado, a opção pela virgindade é uma forma de sexualidade, como argumenta Ruth Karras (2017, p. 38). Desta forma, nas LS, ao recusar o casamento e reivindicar sua união com Cristo, é por meio da sexualidade que Bárbara proclama sua adoção ao cristianismo. E como resultado, é também por ela que se torna receptora de violências físicas por parte de seu pai e do governador romano.

Um segundo aspecto a realçar nas situações de violência relatadas no capítulo é a desobediência às autoridades terrenas. Bárbara rejeita as ordens do pai e do governador romano, autoridades instituídas e legítimas no contexto da sociedade romana antiga patriarcal, cenário em que se desenrola a trama. E, como tal, sofre consequências: prisão, torturas e morte. Ainda que constituídas e reconhecidas no Império Romano, pela perspectiva do relato, tais autoridades não agem de forma legítima ao encarcerar e torturar a jovem, que se rebela unicamente para manter-se fiel à sua fé cristã.

Ainda que o martírio de Bárbara possa não ter ocorrido e seja somente uma criação literária, a sua matriz textual está nas Atas ou Paixão dos Mártires, que começaram a ser redigidos ainda na antiguidade em uma conjuntura apologética, no qual era necessário realçar a superioridade do cristianismo face aos demais credos. Nesses relatos, essa inversão das autoridades é frequente, empoderando o mártir face aos quais, em outros contextos, estaria submetido. Isso ocorre porque pela perspectiva cristã o martírio é só uma face do verdadeiro confronto: o espiritual. Como sintetiza Stephanie Cobb: “The martyr texts tell of the cosmic battle being waged between God and Satan, they place

⁹ Texto traduzido pela autora: “o termo “virgem mártir” invariavelmente carrega a implicação tácita de feminilidade”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Christian martyrdom within that context, and they serve as apologia for Christian belief and actions” (2020, p. 100).¹⁰

Essa quebra de hierarquias não significa que os mártires estão livres de qualquer autoridade, mas que estão submetidos a uma autoridade suprema, Deus, a qual todos – cristãos ou não - devem se sujeitar. Em harmonia com esse pensamento, Bárbara não é retratada no capítulo nem como uma vítima, a despeito das violências recebidas, nem como uma rebelde, mesmo se negando a obedecer ao seu pai e ao governador. Ela é descrita como uma pessoa que fez uma escolha e se manteve fiel a ela.

Para Seesengood, no contexto imperial romano, essa configuração é atravessada pelo gênero. Para ele, quando as *Passiones* dotam as mulheres de resistência e poder viris não rompem com os saberes sobre a diferença sexual hegemônicos no período, mas objetivam demonstrar a superioridade cristã, que transforma seres fracos e passivos em mais fortes do que o próprio Estado romano (2020, p. 184-198). Mas em fins do medievo?

Um terceiro elemento a ressaltar é a articulação entre violência, sexualidade e gênero nas torturas impostas à Bárbara, em especial a retirada dos seus seios e a nudez visando à exposição pública de seu corpo.¹¹ Essa genderização evidencia-se quando se constata que nos relatos de martírios de homens a nudez é raríssima e não há registro da castração como forma de tortura (WOLF, 1997, p. 100).

Essa violência genderizada e sexualizada tem sido abordada por diversos autores, que apresentam diferentes interpretações para tal tratamento dado às mulheres nos textos: representaria o processo de masculinização; significaria a superação do corpo para conquista do heroísmo espiritual; seria uma reafirmação da coisificação das mulheres e um meio de suscitar excitação sexual (EASTON, 2002; WOLF, 1997). Contudo, no relato em análise, assim como no de outras virgens mártires, o corpo de Bárbara é restaurado, não ficando sequer com uma cicatriz, e sua nudez é coberta por uma túnica dada por um anjo.

Concordo que há uma diretriz de gênero e uma sexualização das torturas impostas às mártires, mas discordo das interpretações apresentadas, que tendem a enfatizar o dano,

¹⁰ Texto traduzido pela autora: “Os textos sobre os mártires falam da batalha cósmica travada entre Deus e Satanás, eles colocam o martírio cristão nesse contexto e servem como apologia da fé e das ações cristãs”.

¹¹ Há de destacar que outras mártires também sofreram torturas similares, como Catarina, Águeda, Felícula, Inês, Luzia.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

não a restauração dos corpos das mulheres. Restauração que, em minha perspectiva, vincula-se ao fato de que o dano foi infligido por terceiros e não resultou de atos pecaminosos.¹² Além disso, identifico no relato uma perspectiva positiva em relação ao corpo da mulher, que é, inclusive, um instrumento para expressar a fé e, portanto, não deve ser superado para a aproximação ao divino.

Essa ideia é corroborada pela enumeração dos temas do capítulo, no qual a cura é indicada duas vezes, ou seja, é enfatizada pelo hagiógrafo. Essa perspectiva pode se vincular ao combate às ideias gnósticas que condenavam a matéria no momento inicial de redação da Paixão, por volta do século VII. Tal orientação continuava a fazer sentido no contexto de produção das LS, de luta contra o catarismo, bem como de expansão de movimentos de espiritualidade feminina que não negavam o físico, mas o viam como um meio para acessar a Deus.

Um quarto ponto a salientar é o empoderamento de Bárbara, até mesmo em meio às torturas. No resumo inicial e em alguns trechos do capítulo, esse poder que, dentro da lógica do texto resulta de sua fé, acaba por, à luz do conceito adotado, torná-la autora de violência ao amaldiçoar o pastor e seu rebanho, que são transformados em mármore, e desqualificar o governador e suas crenças com diversos insultos. Seus atos violentos, porém, ocorrem somente por meio do olhar e da palavra, distinguindo-se daqueles de seus algozes, o que pode ser visto como uma genderização. Por fim, vale frisar que, pela perspectiva do narrador, todas essas ações de Bárbara são legítimas, pois objetivam o engrandecimento da fé cristã.

De que forma a *Passio* de Bárbara, com suas diretrizes de gênero, violência e referências à sexualidade, pode ter se articulado ao contexto zamorano de fins do século XIII?

O capítulo das LS, mesmo se mantendo fiel a versões anteriores da *Passio*, ao ser enunciado em uma conjuntura distinta, na qual a fé cristã e a Igreja Romana eram hegemônicas, resultou em ressignificação. Desta forma, não se tratava mais de uma

¹² Não desenvolverei aqui o tema, mas em outros textos medievais, a cura do corpo não implica em sua restauração. Penso aqui especificamente no relato sobre o peregrino que, ao ser enganado pelo diabo, castrase. Após a sua cura, seus órgãos sexuais não são restaurados. Esse milagre foi registrado no medievo, dentre outros, por Gonzalo de Berceo, autor do século XIII. Cf. Milagros de Nuestra Señora, estrofes 211-213, disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/milagros-de-nuestra-senora--1/html/>. Acesso em 21/07/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

narrativa para desqualificar os cultos e as autoridades romanas e demonstrar a superioridade de uma nova fé, mas extrair de tal material ensinamentos, exortações e consolo para os fiéis de uma sociedade que já incorporara o cristianismo ao cotidiano.

Como já sublinhado, o objetivo das LS era justamente reunir materiais para a preparação de sermões. E como os sermões deveriam considerar os diferentes grupos sociais, era necessário incorporar relatos de santos com distintos perfis.

Um dos grupos sociais que deveria ser atendido era formado pelas mulheres religiosas. Na província de Zamora existiam diversos mosteiros e conventos femininos. Em relação a um deles, o convento dominicano da cidade de Zamora, alguns anos antes da redação das LS, foram feitas denúncias de quebra da pureza. Esse evento foi estudado, dentre outros, por Peter Linehan (2000), e segundo Benito-Vessels teve repercussões em outras regiões peninsulares (2003). Desta forma, era necessário incluir capítulos sobre santas como Barbara, para uso nas pregações voltadas a exortar não só as religiosas, mas também às pessoas do entorno, sobre a relevância de defender – e respeitar - a todo o custo a virgindade casta e consagrada.

Contrapondo o capítulo de Barbara ao contexto de produção das LS também surgem ambivalências. Castela, no período, estava organizada como uma sociedade patriarcal, com autoridades leigas constituídas, e o capítulo tem uma protagonista que desobedece ao pai e ao governador. Bárbara é torturada, mas não é vítima, e tem forças, inclusive, para desqualificar o outro. Por fim, a violência humana desfigura o corpo da jovem, a divina restaura. Essas ambivalências, no final do século XIII, continuam, como no contexto antigo, a se relacionar à fé cristã. Contudo, em fins do medievo, a expressão da adoção ao cristianismo era mediada por uma hierarquia eclesiástica complexa e organizada, que, em situações específicas – como a ameaça da quebra de votos de castidade -, legitima um eventual rompimento da ordem.

Assim, não é de estranhar que o relato contribua para perpetuar saberes sobre a diferença sexual que reafirmam o ideal de virgindade casta associado às mulheres religiosas. Uma castidade, ressalta-se, que não nega o corpo, mas o vê como um instrumento de elevação espiritual.

Finalizo reafirmando que não é possível declarar com certeza quais foram as motivações de Juan Gil ao incluir o capítulo sobre Santa Bárbara nas LS. Mas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

considerando as relações entre martírio, violência, sexualidade e gênero no texto e o seu contexto de produção, posso supor que a inclusão dessa legenda reforça a excelência da virgindade e da fé como ideais para alcançar o reconhecimento divino e, por extensão, o social.

Referências bibliográficas

- BENITO-VESSELS, C. Gonzalo de Berceo, el sacristán fornicario, la abadesa encinta y las dueñas de Zamora. *Revista de Poética Medieval*, n. 10, p. 11-24, 2003.
- COBB, L. Stephanie. Martyrdom in Roman Context. In: MIDDLETON, Paul (ed.). *Wiley Blackwell Companion to Christian Martyrdom*. Chichester: John Wiley & Sons, 2020. p.88-101.
- DOLBEAU, François. Les prologues de légendaires latins. In: HAMESSE, Jacqueline (ed.). *Les prologues médiévaux*. Turnhout: Brepols, 2010. p. 345-393.
- EASTON, Martha. Pain, torture and death in the Huntington Library *Legenda aurea*. . In: _____, SALIH, Sarah (eds.) *Gender and Holiness: Men, women and saints in late medieval Europe*. London e New York: Routledge, 2002. p.49-64.
- EASTMAN, David L. Early Christian Martyr Cults. In: MIDDLETON, Paul (ed.). *Wiley Blackwell Companion to Christian Martyrdom*. Chichester: John Wiley & Sons, 2020. p. 217-235.
- GAIFFIER, Baudouin de. La légende latine de sainte Barbe par Jean de Wackerzeele. *Analecta Bollandiana*, n. 77, p. 5-41, 1959.
- HERNANDO GARRIDO, José Luis Hernando. La representación del monacato femenino en el arte medieval hispano: imágenes y contextos. In: GARCÍA DE CORTÁZAR, José Ángel; TEJA, Ramón (coords.). *Mujeres en silencio: el monacato femenino en la España medieval*. Aguilar de Campoo: Fundación Santa María la Real - Centro de Estudios del Románico, 2017. p. 73-107.
- JUAN GIL DE ZAMORA. *Legende sanctorum et festiuitatum aliarum de quibus ecclesia sollempnizat*. Introdução, edição crítica e tradução anotada por Jose Carlos Martín, em colaboração com Eduardo Otero Pereira. Zamora: Instituto de Estudios Zamoranos, 2014.
- KARRAS, Ruth Mazo. *Sexuality in medieval Europe: Doing Unto Others*. 3 ed. London e New York: Routledge, 2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

KRUG, Etienne G. et alli. *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

LAMBERTO DE ECHEVERRÍA. Santa Bárbara, Virgen y mártir (fecha desconocida). In: _____, LLORCA, Bernardino, REPERTO BETES, José Luis (coord.). *Año Cristiano*. Madrid: BAC, 2006. 12v., V. 12.

LINEHAN, Peter. *Las dueñas de Zamora*. Secretos, estupro y poderes en la Iglesia española del siglo XIII. Barcelona: Península, 2000.

PARLANTI, Mario. Ricerche su Barbara. *Quaderni Pievarini*, v.6, p. 23-63, 2008.

RICHES, Samantha J. E. St George as a male virgin martyr. In: _____, SALIH, Sarah (eds.) *Gender and Holiness: Men, women and saints in late medieval Europe*. London e New York: Routledge, 2002. p. 65-85.

SÁNCHEZ AMEIJERAS, Rocío. Cultura visual en tiempos de María de Molina: poder, devoción y doctrina. In: SAN JOSÉ, María del Carmen Sevillano; VELASCO, Laura Hernández (ed.). *El conocimiento del pasado: una herramienta para la igualdad*. Salamanca: Plaza Universitaria Ediciones, 2005. p. 295-328.

SEESGOOD, Robert Paul. Martyrdom and Gender. In: MIDDLETON, Paul (Ed.). *Wiley Blackwell Companion to Christian Martyrdom*. Chichester: John Wiley & Sons, 2020. p. 184-198.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, OLIVEIRA, André Rocha de. Reflexões em perspectiva comparada sobre as trajetórias de dois hagiógrafos mendicantes medievais. In: CRUZ, Jeferson Augusto da et al. ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH/SE, 7., 2020. *Anais...* Aracaju, SE: Associação Nacional de História, 2021. [livro eletrônico].

SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves. Der Heiligen Leben (Vidas de Santos): poder e espaço nas legendas de Margaretha von Antiochien e Barbara. *Signum*, v. 12, n. 1, p. 66-80, 2011.

TAVIEL DE ANDRADE, Bárbara. Andadura, atributos y patrocinios de una mujer legendaria: Santa Bárbara. Entre unos orígenes oscuros y una actualidad manifiesta. In: CAZAL, Françoise; ARIZALETA, Amaia (ed.). *Pratiques hagiographiques dans l'Espagne du Moyen Âge et du Siècle d'Or*. Toulouse: CNRS Université de Toulouse-Le Mirail- Laboratoire Framespa, 2005. 2t., T. 2, p. 543-571.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

VAN DIJK, Mathilde. Being Saint Barbara in England. Shifting patterns of holiness in the Later Middle Ages. In: VISSER, Irene, WILCOX, Helen (ed.). *Transforming holiness: Representations of holiness in the Later Middle Age*. Louvain, Belgium: Peeters, 2006. p. 1-20.

WILLIAMS, Harry F. Old French Lives of Saint Barbara. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 119, n. 2, p. 156-185, 1975.

WOLF, Kirsten. Old Swedish Legends of Saint Barbara. *Arkiv för Nordisk Filologi*, v. 114, p. 62-88, 1999.

WOLF, Kirsten. The Severed Breast A Topos in the Legends of Female Virgin Martyr Saints. *Arkiv för Nordisk Filologi*, v. 112, p. 96-112, 1997.